

BERNARDES, José Augusto Cardoso Bernardes – *A Oficina de Gil Vicente. Apontamentos sobre a Compilação*. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra, 2023, 354 pp.

Na senda de *Oficina de Camões. Apontamentos sobre Os Lusíadas* (Coimbra, Imprensa da Universidade Coimbra, 2023), José Augusto Cardoso Bernardes faz agora publicar este conjunto de estudos sobre Gil Vicente, recuperando trabalhos que foi escrevendo ao longo de mais de trinta anos e que espelham um longo período de investigação e docência, sem nunca esquecer os ensinamentos básico e secundário e a reflexão sobre aplicações didáticas nos vários programas. Talvez por isso mesmo e porque o autor assumidamente entende que «Com o presente livro pretendo concluir o trajeto que se iniciou há mais de trinta anos, com a escolha do tema da minha tese», o mais antigo artigo remonte a 1998 - «O Pranto de Maria Parda ou os limites do burlesco. Programa do espectáculo estreado em 18 de novembro de 1998, pela Escola da Noite [...] -, e os mais recentes a 2022 – «*Floresta de Enganos*, um epílogo para a *Compilação*. Reformulação de textos que acompanharam os programas da peça levada à cena pelo Cendreve e pela Escola da Noite [...]» e 2023 «*As Barcas de Gil Vicente*, três cenas e uma Pregação». Curiosamente, se considerarmos as datas de 1998 e 2022, um percurso balizado por duas intervenções na comunidade, que se traduzem na colaboração empenhada com companhias teatrais, que representaram peças vicentinas, provando que o conhecimento pode e deve ser posto ao serviço da sociedade, contribuindo para a coesão cultural. Esta preocupação interventiva que, de acordo com a letra do texto, se estendeu a um programa activo de presença nas escolas do ensino básico e secundário, parece ter sido uma constante na carreira científica e académica de José Augusto Cardoso Bernardes, envolvendo a produção de um pensamento original sobre as formas de ensinar os mais jovens e sobre os respectivos programas de aprendizagem. Justamente porque estamos perante o percurso de uma vida, a obra equaciona de forma exemplar todas os temas e questões vicentinas, estejam elas resolvidas ou não. Sobre as resolvidas, apresenta-se o «estado da questão», sobre as «polémicas», formulam-se os termos, como se de uma equação se tratasse: enuncia-se o problema, explicam-se as «variáveis», discutem-se as soluções, formulam-se perguntas para o futuro. Depois de um texto de abertura significativamente intitulado «Gil Vicente, an all-round author in Europe Theatre» (pp. 15-25), que comporta um balanço criterioso e aparentemente simples da obra vicentina, deixando transparecer a clareza que só muitos anos de

estudo e reflexão permitem atingir, o autor examina aspectos mais parcelares, como «Échos de la tradition française dans le théâtre de Gil Vicente» (pp. 27-37), ou «Os Géneros no Teatro de Gil Vicente» (39-56), que recupera a carta-prefácio de D. Duardos, as «modificações de estilo» e a mais que provável relação com a *Propalladia* (1517) de Torres Naharro, «A compilação de totadas obras: o Livro e o projeto identitário de Gil Vicente» (pp. 57-76), constituindo este primeiros cinco estudos de uma «Primeira Parte: Gil Vicente, em geral», integrada ainda por mais quatro trabalhos: «Pastores y filósofos en la corte de Portugal. La palabra velada en el teatro de Gil Vicente» (pp. 78-99); «O pastor e o Palácio: outras significações do pastoril no teatro de Gil Vicente» (pp. 100-119); «Gil Vicente e Sá de Miranda: encontros e desencontros (pp. 141-148); «Gil Vicente em modo de resistência: a questão do cânone greco-latino» (pp. 150-164). Uma estrutura equilibrada que analisa e privilegia as grandes linhas do labor sobre o dramaturgo, no quadro de uma complexa economia simbólica e representativa: a inserção das peças no seu tempo e nos contextos histórico, literário, social, o «lugar» do autor nas cortes de D. Manuel e D. João III, a protecção da Rainha da D. Leonor, a mais que provável encenação das peças e a eventual participação como actor, a formação intelectual, os conhecimentos retóricos, a relação com o cânone greco-latino, as questões textuais levantadas pela publicação em 1562 da *Copilaçam...* Um conjunto de assuntos estudados ao longo de muitos anos em permanente diálogo com a bibliografia que ia sendo produzida e que renovou os estudos vicentinos de um modo notável, indagando as relações autor, texto e contexto, no âmbito de uma sociedade fundada sobre manifestas diferenças sociais e jurídicas. A segunda parte, intitulada «Gil Vicente, em particular», dedica-se um conjunto de peças, de modo mais individual: «Sou a triste sem mezinha: micro-variações em torno do Auto da Alma» (pp. 165-176), «A história de Deus, na corte e no livro das obras» (pp. 177-188); «As Barcas de Gil Vicente: três «cenas» e uma pregação» (pp. 189-219); «A Barca do Inferno: o tempo de Gil Vicente e o nosso tempo» (pp. 221-231); ««O auto da festa e a (rica) oficina de Gil Vicente» (pp. 233-248); «Maria Parda, entre o burlesco e a sátira» (pp. 249-256); «Hay aqui tanto que ver: o Natal e a pregação da fé em Gil Vicente» (pp. 257-273); «Floresta de Enganos: um epílogo para a Compilação» (pp. 274-283). Um percurso hermenêutico que, não ignorando a bibliografia produzida, lê e interroga, de modo por vezes muito inovador, alguns aspectos do texto menos conhecidos ou que têm merecido menor atenção. Poderá servir como exemplo a reflexão sobre o uso das formas verbais «ser» e «andar» no «Auto da Alma» e as suas consequências na caracterização dinâmica desta, ou a designação

«mistério condensado» e respectivas implicações em «A História de Deus na corte e no livro das obras». Valerá a pena atentar ainda na revisitação de alguns temas hoje mais esquecidos como a relação entre Gil Vicente e Sá de Miranda, em que José Augusto Cardoso Bernardes resume criticamente a bibliografia em busca de lucidez na apreciação dos argumentos aduzidos. Exercícios intelectuais desta natureza valorizam o pensamento científico de análise rigorosa, limpidez discursiva e, ao mesmo tempo, estimulam novas formas de pensar os problemas. Aliás, a terceira parte do livro, mais breve, foca os «Estudos vicentinos», como se procurasse pagar um tributo a todos quantos ontem e hoje se dedicaram e dedicam ao estudo de Gil Vicente e da sua obra. Terá valido a pena? Certamente que sim. O presente e o futuro agradecem e agradecerão um labor contínuo que resgata Gil Vicente e o seu tempo e abre caminho para investigações futuras.

**Zulmira Santos**

CITCEM – Universidade do Porto